

Perspectivas e desafios na cultura da soja

Reportagem de Paulo Sergio Tagliari



Produtividade da soja aumentou 63% na principal região produtora catarinense

Com a mudança do eixo de produção da soja do Sul para o Centro-Oeste brasileiro e a crescente competitividade dos outros países produtores, a pressão cresce sobre produtores e indústria, forçando mudanças no setor. Uma visão do que está acontecendo numa das principais áreas tradicionais produtoras no Sul do país é o que se propõe nesta reportagem.

Dentre as plantas mais cultivadas no mundo figura a soja (*Glycine max*), da família das leguminosas, parente do nosso conhecido feijão, da ervilha, do amendoim e dos chamados adubos verdes, tais como o guandu, a ervilhaca, o tremoço, etc. Estes vegetais se caracterizam por apresentar as sementes dentro de uma vagem, o legume, e possuem a capacidade de captar o nitrogênio diretamente do ar por meio de bactérias que se fixam em suas raízes, os rizóbios. Isto lhes dá uma grande vantagem, pois a necessidade de adubação nitrogenada é mínima em relação às outras culturas. A soja tem uma razoável resistência à seca e poucas doenças e insetos a afetam. Sua origem remonta ao Oriente e seu cultivo no Japão e na China é milenar. Na China, no Japão e na Coreia constituiu-se no produto agrícola mais importante depois do arroz.

De alimento humano nos seus primórdios, a soja hoje em dia tornou-se um produto industrial bastante valorizado e a sua demanda vem aumentando ano a ano. Da soja são obtidos muitos subprodutos úteis, tais como o farelo de soja, matéria-prima na formulação de rações, destinado principalmente à exportação. Tem também o óleo de soja bruto e degomado, utilizado como matéria-prima na fabricação de óleo refinado, margarina, creme vegetal, gordura e outros. A soja vem se tornando a mais importante fonte de óleos comestíveis, e os seus produtos são fundamentais na formulação de novos alimentos e bebidas a baixo custo e com nutritivo balanço de proteínas.

Os números da soja

O Brasil passou de quinto maior produtor mundial de soja em 1960 (260 mil toneladas) para o segundo posto nos últimos anos, superando gigantes como a China. Nesta safra de 1999, o país está colhendo 31 milhões de toneladas, só perdendo para os Estados Unidos, cujo volume de produção está estimado acima de 75 mi-

lhões de toneladas do grão. Enquanto a região Centro-Oeste eleva sua produção e produtividade (o rendimento recorde de 2.622kg/ha supera inclusive a média americana de 2.615kg/ha), a região Sul, tradicionalmente a maior produtora nacional, sofreu este ano uma diminuição de produção e produtividade devido à estiagem que assolou principalmente o Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Ao todo, o Sul está produzindo 13 milhões e 600 mil toneladas, contra 13 milhões e 200 mil do Centro-Oeste, segundo informa o Instituto Cepa/SC.

Com projeção inicial para 520 mil toneladas, os catarinenses terão que se contentar com uma safra de 460 mil toneladas, uma quebra de 11,5% causada pela seca que castigou a região produtora no final do ano passado e um pouco este ano. Estudos da cadeia produtiva da soja realizados pela Epagri revelam que ocorreu um decréscimo da área plantada com a leguminosa de 520 mil hectares, desde a safra de 1980, para 220 mil nesta safra de 1999. A produção total decresceu inicialmente, mas vem se mantendo nos últimos anos por volta de 450 mil toneladas. Porém, a boa notícia é que a produtividade média estadual vem subindo desde o início da década de 80, passando de 1.440kg/ha em 1980 para 2.350kg/ha na colheita de 1998, um acréscimo significativo de 63%. Isto se deve aos avanços tecnológicos e o uso destes pelos produtores, incluindo-se novas cultivares, insumos, práticas conservacionistas, etc.

A soja possui alguns gargalos a serem resolvidos ainda, conforme demonstram os estudos da cadeia produtiva. Santa Catarina ainda não é auto-suficiente na soja, tem que importar, em média, cerca de 770 mil toneladas. A cultura representa pouco mais de 3% do Valor Bruto da Produção das principais "commodities" no Estado, totalizando cerca de 76 milhões e 300 mil dólares anualmente. Há produtos com valores bem maiores, como frango, suínos, fumo, leite e feijão. Outro gargalo destacado é a falta de silos

para armazenar nas propriedades, e os custos de produção na lavoura, em elevação, podem desestimular os agricultores no plantio das novas safras. O plantio de uma cultura de inverno (a canola parece ser uma alternativa) que pudesse aproveitar a capacidade ociosa da indústria ajudaria muito o setor, baixando os custos industriais e tornando mais competitiva a comercialização, e beneficiaria também os agricultores que assim teriam uma alternativa maior de renda na época invernal.

Cooperativas apostam na semente

Além de ter que competir com os Estados Unidos e sua alta tecnologia, o Brasil enfrenta hoje as produções crescentes na Argentina (18,5 milhões de toneladas) e os baixos custos da lavoura paraguaia. Dentre as regiões brasileiras, as propriedades maiores de Santa Catarina (região de Campos Novos) são as que apresentam um dos menores custos de produção e com boas produtividades, perdendo apenas para a região Centro-Oeste e algumas áreas novas do Paraná. O largo uso de tecnologias tem estimulado os crescentes rendimentos em Campos Novos, SC, e municípios vizinhos. De 1.027kg/ha em 1975, passando para 1.288kg/ha em 1985, a produtividade média da região alcançou o patamar de 2.438kg/ha na safra de 1995. Vale mencionar que as outras regiões produtoras catarinenses – Oeste Catarinense, destacando os municípios de Xanxerê, Abelardo Luz, etc., e Planalto de Canoinhas – envolvendo as cidades de Mafra, Papanduva e Canoinhas – também não ficam muito atrás da performance de Campos Novos. "As técnicas preconizadas pelo sistema de plantio direto estão preservando e melhorando a fertilidade e as propriedades físicas dos solos, e com isso favorecendo o aumento de produtividade", explica o engenheiro agrônomo e pesquisador Milton da Veiga, da Epagri/Estação Experimental de Campos Novos, que revela um

dado muito importante: a área cultivada no sistema de plantio direto elevou-se de aproximadamente 28% do total na safra 1994/95 para mais de 90% na última safra de 1997/98. O pesquisador, por outro lado, alerta que há necessidade de aprimorar o sistema, e o produtor deverá adotar a rotação de culturas (com milho e feijão, por exemplo), ampliando o uso de adubos verdes, que hoje basicamente está restrito à aveia e ao azevém, passando a usar leguminosas, como ervilhaca, e outras espécies, como nabo forrageiro, centeio, etc.

Com uma área plantada bem menor que outros Estados e regiões do Brasil, Santa Catarina está apostando na produção de sementes para agregar valor ao produto. A Cooperativa Regional Agropecuária de Campos Novos - Copercampos - possui 115 produtores associados, totalizando 11 mil hectares cultivados com soja para semente. A produção estimada é de 170 mil sacos, que serão comercializados em vários Estados do país e no exterior. "O produtor de sementes tem vantagens em relação à soja para consumo; por exemplo, ele não desconta o Furfural e recebe uma bonificação de R\$ 1,00 a R\$ 2,00 por

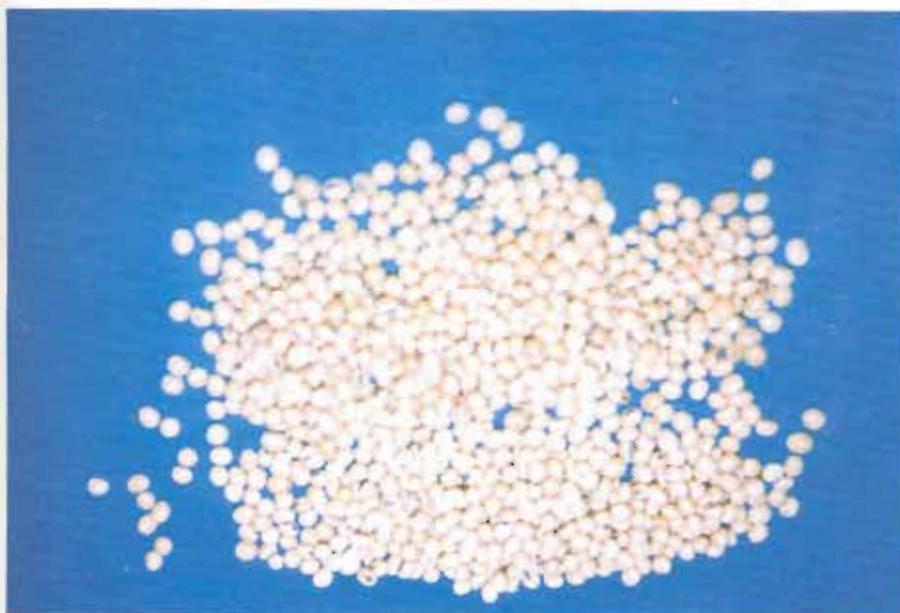
saco", conta o engenheiro agrônomo Laerte Isaias Thibes Junior, coordenador do Departamento Técnico da Coopercampos. "Mas ele tem mais responsabilidade nos cuidados com sua lavoura", agrega o agrônomo. Laerte Junior aponta que os itens a serem observados pelo produtor de semente, além dos normalmente recomendados como correção e adubação do solo com fósforo e potássio e a inoculação das sementes com rizóbios específicos para fixação simbiótica do nitrogênio, são: semear cultivares recomendadas em três épocas distintas para garantir a produção contra mudanças climáticas adversas; as bordaduras da lavoura devem ser colhidas para consumo; a área de lavoura deve estar livre de doenças e com baixa infestação de plantas daninhas; o produtor deve fazer rotação de culturas e proceder à limpeza dos equipamentos, tanto de plantio quanto de colheita, a cada mudança de cultivar. Outro ponto importante é que as sementes devem ter, no mínimo, 80% de germinação. Estas e outras recomendações também são repassadas aos agricultores pelos técnicos da Cooperativa Agropecuária Campovense Ltda. - Concam, também

com sede em Campos Novos e cujos associados produzem em torno de 80 a 90 mil sacos de soja semente em áreas médias de 200 hectares. "A soja semente é um produto de altíssima liquidez, é de alta demanda e vendemos a qualquer hora, para diversas regiões do Estado e país, inclusive para outros países, como o Paraguai", proclama o gerente comercial Valmir Scapini e confirma que a tendência é do agricultor cada vez mais se especializar na produção de sementes.

Para sustentar e aprimorar a qualidade dos cultivares, um dos trabalhos mais importantes é aquele que vem sendo realizado pela Estação Experimental de Campos Novos, que desenvolve anualmente experimentos de competição de cultivares e linhagens. "O nosso objetivo é avaliar as cultivares de soja que estão no mercado e aquelas que possuem potencial, e então repassamos estas informações o mais rápido possível as cooperativas, técnicos e produtores", declara o engenheiro agrônomo e pesquisador José Hennigen, atual chefe da Estação Experimental da Epagri que produz anualmente de 800 a 1.000 sacos de sementes básicas. Estas são colocadas aos produtores de sementes que multiplicam em suas propriedades e repassam ao mercado como sementes fiscalizadas ou certificadas.

Custo de produção e lucro

A estiagem que assolou os Estados sulinos deixou prejuízos aos sojicultores. As cooperativas e a assistência técnica privada e oficial esperavam rendimentos acima de 40 sacos ou 2.400kg/ha, mas tiveram que se contentar com produtividades de 20, 25 e 30 sacos. A engenheira agrônoma Maria Luiza G. Carlesso, presidente do Núcleo de Engenheiros Agrônomos de Campos Novos, disse à reportagem da revista que o déficit hídrico atrasou o plantio, prejudicou a germinação, a emergência, os tratos culturais, o desenvolvimento da cultura e, principalmente, o



Demanda de grãos, furoto e óleo é crescente no mercado mundial

enchimento dos grãos. Falando em nome do Núcleo, ela estima que o prejuízo chegue a 30% do potencial produtivo da cultura na região. Mesmo assim, técnicos e produtores acreditam que nesta safra conseguem algum lucro. Eles calculam que o custo gire em torno de R\$ 10,00 a R\$ 11,00/saco, e como a soja está sendo comercializada a R\$ 15,00, portanto, tirando os descontos por ocasião da entrega na cooperativa, sobra para o produtor algo como R\$ 3,00/saco ou R\$ 90,00/ha, se a produção for de 30 sacos. E quem produz cerca de 200ha, o lucro líquido pode ser computado em R\$ 18.000,00 nesta área. Existem produtores que lucraram ainda mais por ocasião do início da comercialização da safra, em fevereiro, quando os preços chegaram a R\$ 17,00/saco, confirma Clebi Renato Dias, gerente comercial da Copercampos, e informa também que o preço da soja atingiu um dos valores mais baixos dos últimos 20 anos (US\$ 8,98). "O que compensou foi a queda do real, com isso estamos comercializando a preços razoáveis", conclui.

Mas nem tudo são flores. Com a recente desvalorização do real em relação ao dólar, os preços dos

insumos deram um pulo. Para se ter uma idéia, o Instituto Cepa/SC calculou que, de março de 1998 a março de 1999, houve um acréscimo de 40 a 60% nos preços de adubos, corretivos, herbicidas, fungicidas e inseticidas, entre outros. "Este ano tivemos que aplicar três vezes fungicidas em nossa lavoura", conta a produtora e agrônoma Tânia Manfroi Cassiano, que cultiva cerca de 400ha de soja semente em parceria com o pai e os irmãos. "Com a estiagem, o rendimento ficou em torno de 30 a 35 sacos, mas normalmente poderíamos produzir 50 sacos. O nosso custo é alto, por isso temos que investir em produtividade"; e emenda: "com a alta dos preços dos insumos, não sei se vai ser vantajoso manter esta mesma área para o ano que vem, acredito que vou plantar mais milho". Opinião semelhante tem o produtor Sérgio Antonio Manica, que em 430ha cultiva 180ha de soja e o resto de milho, feijão e trigo. Ele confessa que pretende se dedicar mais ao feijão na próxima safra de verão. "Se a área de soja aumentar nos Estados Unidos, a tendência é se manterem ou diminuir os preços internacionais do produto, e já que o custo hoje é parecido ao do

feijão, vou apostar no último, que está com preço melhor na comercialização", assegura o agricultor. Não só os produtores estão receosos, os técnicos também sentem que a tendência, caso permanecer este quadro de preços crescentes dos insumos e preços estabilizados na soja, sem falar nas restrições creditícias, é de diminuir a área plantada com a leguminosa.

Sem ter este imediatismo em vista, os trabalhos da cadeia produtiva da soja, baseados em técnicas de planejamento estratégico e visão de cenários, apontam caminhos para a economia agrícola catarinense e brasileira. Entre as perspectivas, estudos do United States Department of Agriculture - USDA mostram que o consumo mundial de óleos vegetais e farelo está crescendo, abrindo, portanto, possibilidades para o produto nacional, e também a demanda de países asiáticos traz mais uma alternativa. Isto sem falar no mercado de grãos, cuja participação brasileira sempre foi crescente. Mas para atingir estes resultados, a competitividade brasileira vai depender basicamente do comportamento dos custos de produção ao longo da cadeia produtiva, havendo necessidade de o produtor melhorar sua tecnologia, conservação do solo e armazenamento na propriedade. A indústria caberia, entre outros, reduzir a capacidade ociosa do parque industrial e transferir fábricas para regiões que apresentam boas condições para a expansão da soja, e no setor de transportes é urgente a melhoria da eficiência portuária, a recuperação do sistema ferroviário e a viabilização das vias fluviais, que no Brasil são ainda mal aproveitadas.



Apesar da estiagem, produtores conseguiram lucro razoável na atual colheita

Alternativa para pequenos agricultores

Para as pequenas propriedades de cunho familiar que não têm renda para suportar gastos com insumos e alta tecnologia, uma das saídas

pode ser a produção orgânica ou agroecológica de soja. Já existem experiências no Sul, principalmente no município de Capanema, no Paraná, e agora também no Rio Grande do Sul, na região do Alto Uruguai, envolvendo produtores dos municípios de Getúlio Vargas, Erechim, Sananduva, Passo Fundo e adjacências. No ano passado eram 39 os agricultores e nesta última safra já somam 200. Trata-se de um projeto pioneiro na região e que envolve a Emater, RS, sindicatos rurais e uma empresa privada, a Sustentagro, de propriedade do engenheiro agrônomo Marco Antonio Hoffmann, ex-professor da Universidade de Passo Fundo, especialista em agricultura biodinâmica. Para se ter uma idéia da produtividade das lavouras agroecológicas, na safra passada os 39 produtores alcançaram a

média de 1.920kg/ha (32 sacos), ao passo que a média gaúcha atinge não mais que 1.600 a 1.800kg/ha. Amauri Zorzan, da Comunidade de Ventarra Baixa, e Edino Tirapele, da Comunidade de Caravaggio, em Getúlio Vargas, são dois típicos pequenos agricultores que cultivam a soja orgânica em áreas que variam de 2 a 4ha. Este ano a estiagem prejudicou a produtividade do grão, mas mesmo assim os produtores não estão se queixando. É que eles recebem um bônus na venda do produto que é exportado para a Europa e o Japão, através da firma Terra Preservada, de Curitiba, PR. A certificação da produção é do Instituto Biodinâmico de São Paulo, que confere um selo à soja exportada. Para os agricultores que estão iniciando (em conversão) o bônus é de R\$ 3,00, e para os com dois ou mais anos (orgânico) o valor aumenta para R\$ 4,50. Levando-se em conta que o custo de produção destes agricultores é baixo (R\$ 6,50), eles conseguem um bom lucro na venda, como se pode ver: o preço de comercialização (em reais) está por volta de 15,00, então $15,00 + 3 = 18,00$ e $15,00 + 4,50 = 19,50$, portanto o lucro ou renda líquida vai se situar entre $18,00 - 6,50 = 11,50$ e $19,50 - 6,50 = 13,00$ reais. Com estes valores em mente, outros produtores da região já estão fazendo contas e prometendo aumentar a área para a próxima safra. É o caso do Sr. Lourivan Vuicik, que mora com o pai, o Sr. Dionísio, na Comunidade de Nossa Senhora do Rosario, no município de Floriano Peixoto, vizinho de Getúlio Vargas. Ao todo sua propriedade tem 37ha, com muito mato nativo ainda, e ele reserva 15ha

para plantio de soja, milho e feijão, quase tudo já no sistema orgânico. Este ano, mesmo com a seca, seu rendimento na soja atingiu 35 sacos.

Conforme esclarece Marco Hoffmann, as tecnologias para estes pequenos produtores baseiam-se bastante na adubação verde que antecede o plantio da safra principal, seja soja, milho ou feijão, e também na mão-de-obra intensiva do produtor e sua família. A adubação segue a análise tradicional do solo, feita em laboratório oficial, porém dentro das práticas biodinâmicas. Os nutrientes necessários são fornecidos principalmente por uma calagem inicial, com base em conchas de ostras e fosfato natural, quando necessário; que repõem as necessidades de cálcio e fósforo, além de micronutrientes. O nitrogênio provém dos adubos verdes e da inoculação da soja. O potássio, a cultura extrai normalmente do solo, cuja fertilidade neste sistema agroecológico tende a melhorar, ano após ano, segundo as técnicas biodinâmicas. Mas a estratégia está no manejo do solo, na rotação e sucessão de culturas. No inverno semeia-se avevem ou aveia, bem fechado, e no pleno florescimento planta-se a soja sobre a cobertura, sem dessecar. A própria semeadora deita a cobertura. Às vezes alguns agricultores utilizam pneus atrás da semeadora para deitar melhor a massa do adubo verde. A soja é semeadura num espaçamento que varia de 32 a 40cm entre linhas (na convencional é de 42 a 60cm) e 10 a 15 sementes por metro linear (18 a 30 sementes na convencional), resultando em 65kg/ha de semente de soja orgânica (90kg na convencional). Esta densidade da soja, aliada à adubação verde, evita o aparecimento de inços. E a rotação na mesma área com outras culturas (milho e feijão, outros adubos verdes como ervilhaca, nabo forrageiro, etc.) desestimula o surgimento de doenças e insetos prejudiciais. Eventualmente, os agricultores aplicam biofertilizante para prevenir ou combater algum surto de praga ou moléstia. □



Sr. Dionísio Vuicik: "Vamos ampliar a lavoura na próxima safra"

Agroindústria artesanal é alternativa para pequenos agricultores

Reportagem de Paulo Sergio Tagliari

Cerca de 500 famílias de pequenos agricultores do Oeste Catarinense estão mudando sua forma de produzir na agricultura, agregando valor na matéria-prima através do processamento artesanal, gerando emprego e renda no meio rural. Para apoiá-los nesta empreitada, o Governo Federal presta auxílio financeiro através do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - Pronaf. E o Governo Estadual, através da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Rural e da Agricultura, da Epagri e da Cidase, ajuda na organização, capacitação, assistência técnica e inspeção, garantindo a equivalência por produto nos investimentos que os grupos realizarão.



Agricultores familiares se organizam e investem na agroindústria

A descapitalização do agricultor é uma realidade constante nos últimos anos, e agora, com a recente desvalorização do real em relação ao dólar, os preços dos insumos agrícolas tiveram um brusco aumento afetando ainda mais a renda do produtor rural. O pequeno produtor isoladamente não consegue mais sobreviver, e uma das saídas para mantê-lo no meio rural é o trabalho organizado, associativo,

através de pequenas agroindústrias. Um exemplo disso é o projeto piloto que o Ministério da Agricultura está implantando em algumas regiões do Brasil e que objetiva injetar recursos a juros mais compatíveis a pequena agricultura familiar. Trata-se do Pronaf/Agroindústria, o qual pretende ajudar grupos de 5 a 6 famílias, até no máximo 40, a transformar a matéria-prima produzida em suas proprie-

dades em produtos processados, agregando valor e com isso aumentando a renda destas famílias.

Em Santa Catarina duas regiões já estão contempladas pelo Pronaf/Agroindústria, uma no Sul do Estado e outra na região Oeste. O maior projeto é o do Oeste e abrange diversos municípios como Chapecó, Concórdia, Xanxerê, Seara, Quilombo e outros. Ao todo estão formados 50

grupos, envolvendo cerca de 500 famílias, algumas já com produtos no mercado, tais como queijo colonial, manteiga, pepino em conserva, doces, geleias, salame colonial, banha, iogurte, leite pasteurizado, defumados, melado, açúcar mascavo, entre outros. "Há uma diversificação muito grande de projetos, passando pelos tradicionais, como os derivados do leite e de suínos, até turismo rural e produção de vassouras", informa o engenheiro agrônomo Osvaldir Dalbello, do Escritório Regional da Epagri em Concórdia, SC, e coordenador do Pronaf – Agroindústria na região Oeste, e agrega: "a ideia é também diversificar a produção para gerarmos renda e emprego." "De cada um emprego direto gerado na unidade agroindustrial, outros três ou quatro são formados indiretamente, seja na produção da matéria-prima, seja na colheita, transporte e comercialização de insumos e produtos elaborados", contabiliza Dalbello. A coordenação do projeto estima que, quando ele estiver em pleno andamento e estabilizado, a venda total dos produtos elaborados pelos agricultores familiares somará um valor bruto aproximado de 9 milhões de reais. Em média, cada uma das 500 famílias agregará, portanto, 19 mil reais anualmente na renda bruta da propriedade. Por outro lado, recente levantamento realizado pelo Centro de Pesquisa para Pequenas Propriedades – CPPP, da Epagri, em Chapecó, revela um dado no mínimo preocupante: cerca de 10 mil famílias rurais deixam o campo anualmente no Oeste Catarinense em busca de uma vida melhor nas cidades.

"Este é um trabalho de grande alcance social e econômico e que beneficia a pequena agricultura familiar, melhorando a renda do agricultor e, por consequência, viabilizando sua permanência no meio rural, com qualidade de vida", enfatiza o engenheiro agrônomo Clóvis Dorigon, do CPPP um dos técnicos atuantes no projeto. Clóvis informa também que o projeto conta com a participação de 22 prefeituras, de uma

ONG, da Associação de Pequenos Produtores do Oeste Catarinense – Apaco e da Epagri (coordenadora do projeto).

Vale mencionar também o Programa Desenvolver, que vem atuando em parceria com as entidades já mencionadas, desde o último mês de janeiro, e que possui uma equipe multidisciplinar de oito técnicos especializados em pequena agroindústria. Esses técnicos foram contratados como bolsistas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq via Fundo de Apoio Científico e Tecnológico de Santa Catarina – Funcitec e vêm prestando uma ajuda importante ao projeto nas áreas de infra-estrutura, extensão, controle de qualidade e marketing e comercialização. Além da assistência técnica e organização dos agricultores, a Epagri capacita os produtores através dos cursos de profissionalização ministrados nos vários centros de treinamento no Estado.

O total de recursos que estão sendo alocados ao projeto soma 2,5 milhões de reais, sendo que muitos grupos entram com recursos próprios como contrapartida. Existem prazos de

carência para devolução do dinheiro emprestado e os juros são menores do que os de mercado, para não penalizar os pequenos agricultores de baixa renda e que já andam bastante descapitalizados. "Considero que este é um recurso muito bem aplicado pelo Governo Federal, pois é uma soma relativamente pequena, mas que beneficiará diretamente pelo menos 2 a 3 mil pessoas", argumenta Clóvis Dorigon e emenda "a produção destas pequenas agroindústrias familiares vai gerar renda e muitos empregos no campo, por conseguinte o Estado vai arrecadar mais ICMS; isto tudo é extremamente positivo. Onde encontraremos atualmente um investimento que traga tantos dividendos para a sociedade?".

Segundo Osvaldir Dalbello, o objetivo do Projeto é de que o agricultor inicie a atividade com pelo menos 90% da matéria-prima própria, para evitar a dependência de terceiros e diminuir os custos. Assim ele terá mais chance de ampliar a produção e produtividade no futuro, inclusive agregar mais pessoas no trabalho.

O lançamento do projeto no Pronaf Agroindústria no Oeste Catarinense foi feito neste último mês de junho.



Cultivo de pepino em estufa aumenta produtividade e protege contra mudanças climáticas

Da agricultura para a agroindústria

Um dos grupos que será beneficiado pelo projeto é a Associação dos Produtores Rurais de Cordilheira Alta, do município de Cordilheira Alta, vizinho de Chapecó. Utilizando a marca Cordalta, o grupo iniciou em 1993 com poucas famílias e hoje já conta com 22 sócios. O principal produto beneficiado é o pepino, que antes tinha que vir do litoral para abastecer a região. Vilma Moresso e Jolmir Vilani são dois dos agricultores sócios da Cordalta que trabalham no processamento da hortaliça 10 horas/dia, quase sem parar. "O trabalho é árduo, mas não me queixo, é difícil mas pelo menos temos perspectiva", desabafa Vilma Moresso. Com ela concorda o engenheiro agrônomo e extensionista local da Epagri Vitor João D'Agostini, que desde o início apoiou e incentivou o grupo, prestando também assistência técnica. "Quem trabalha na agricultura tradicional (milho, feijão, etc.) chega ao final do ano sem resultados, desanimado. Muitos agricultores estão deixando o campo e indo para as cidades em busca de novas alternativas", conta o técnico e confirma: "com o pepino

tem sido diferente, é uma alternativa econômica viável".

Atualmente a associação possui 12 estufas cultivadas com pepino e a meta é ampliar para 40 e processar 100 mil vidros, contando com o apoio do Pronaf. O pepino em cultivo protegido produz mais e resiste às mudanças climáticas. A colheita vai de outubro a fevereiro, e com o aumento da produção e produtividade a Cordalta pretende num futuro próximo atingir 800 mil vidros de conserva. O grupo vende aos atacadistas a preço que varia entre R\$ 0,90 e R\$ 1,00, que repassam aos supermercados ao preço médio de R\$ 1,30, e o consumidor encontra pepinos em conserva que variam de R\$ 1,70 a R\$ 2,50, conforme a marca. O processamento da hortaliça não é complicado. Da estufa ou lavoura ela chega ao local do beneficiamento onde é lavada, separada por tamanho e pesada; após é colocada nos vidros, ocasião em que se adicionam condimentos, tais como cebola, pimenta, louro. A seguir prepara-se uma salmoura com água esterilizada, vinagre e sal, que é colocada nos vidros, cozinhando-se em banho maria por 15 ou 20 minutos. Pronta, a conserva fica então curtindo no mínimo 15 a 20 dias, para depois ser

comercializada.

A família Malagutti é outro grupo que faz parte do Pronaf/Agroindústria e já vem comercializando seus produtos em feira livre, semanalmente, no centro da cidade de Chapecó. Essa feira, organizada recentemente pela prefeitura local, possibilita a pequenos agricultores venderem seus produtos diretamente aos consumidores, que vêm mostrando grande aceitação. Os Malagutti são cinco famílias, três irmãos e dois primos, e deixaram a lide normal da agricultura pela criação de gado leiteiro; processam o leite, transformando-o em vários produtos, tais como queijo colonial, requeijão, ricota, doce de leite, etc. Augustinho Malagutti, um dos integrantes da família, mostra os números da comercialização. Os queijos colonial e prato são vendidos a R\$ 3,80/kg, o parmesão a R\$ 6,50 e o provolone, a R\$ 4,50. O sucesso do queijo atingiu outras fronteiras. Hoje a família vende o colonial, de alta qualidade, para restaurantes de Curitiba. Mas os doces (uva, figo, abóbora, mamão) são bastante procurados pelos consumidores chapecoenses, que pagam R\$ 3,00/kg do produto.

Pesquisa mostra tendências

O mercado da pequena agroindústria artesanal é tão promissor que até profissionais liberais como médicos, dentistas, advogados e agrônomos estão entrando. "Penso que é uma pena que outras categorias profissionais mais privilegiadas tomem o lugar dos agricultores familiares, pelo menos não deveriam receber os incentivos dados a estes", alerta o técnico da Epagri Clóvis Dorigon. O Pronaf define como agricultor familiar aquele que vive com sua família no meio rural; que obtém a maior parte de sua renda da agricultura; a mão-de-obra, em sua maior parte, é da própria família; e não possui mais que quatro módulos rurais.

Clóvis revela ainda que foi feita uma pesquisa de mercado em Santa Catarina para verificar a aceitação dos produtos coloniais por supermer-



Família Malagutti, muito esforço próprio e ajuda do Pronaf

cadistas, padarias, minimercados, etc. nas cidades de São Miguel do Oeste, Chapecó, Concórdia, Xanxerê, Florianópolis e Joinville. A pesquisa trouxe resultados interessantes. Cerca de 68% dos comerciantes/distribuidores disseram que costumam comprar regularmente produtos coloniais, e na opinião deles a tendência é de manter ou mesmo ampliar as compras. Quanto à preferência dos distribuidores, os produtos mais comprados são queijo e salame, seguidos de açúcar mascavo, pepino para conserva, ovos de codorna, geléias, doce de leite, etc.

A questão da qualidade do produto também foi mencionada pelos entrevistados, já que a vigilância sanitária está bastante rigorosa na fiscalização. Em função disso os itens que mais pesaram na compra do produto colonial, segundo relataram os comerciantes, foram aparência, controle de qualidade, embalagem segura, prazo de validade. As dificuldades em relação a qualidade dos produtos mencionadas pelos comerciantes têm sido preocupação da Epagri e dos produtores e uma das saídas para resolver este e outros problemas é a criação de uma Unidade Central de Apoio e Gerenciamento onde haveria uma estrutura com poucas pessoas (um vendedor, um gerente de processamento e um contador) para auxiliar na comercialização dos vários grupos: pesquisar preços de insumos, padronizar os produtos em relação a qualidade, embalagens, prazos de validade, garantia de origem, etc. "Penso que a central é o grande diferencial deste projeto", relata Clóvis



Produtos da agroindústria artesanal têm aceitação tanto dos comerciantes como dos consumidores

Dorigon. "Produzir em pequena escala é viável, desde que haja produção suficiente para fazer frente ao mercado. E aí que entra a central: propicia escala na comercialização (fora as outras funções mencionadas), pois as pequenas agroindústrias trabalharão em rede, articuladas pela unidade central.

Um aspecto levantado pelos distribuidores e que favorece os produtores catarinenses é que a maioria dos comerciantes não costuma ainda comprar dos países do Mercosul, portanto este é o momento da agroindústria artesanal se posicionar e ocupar este importante nicho de mercado. Aliado a este aspecto, os entrevistados apon-

taram que as características dos produtos coloniais catarinenses, "mais naturais" e "mais saudáveis", podem ser consideradas o mote principal para o posicionamento das marcas no mercado. Outros itens que se destacaram foram "melhor preço", "melhor sabor", "melhor qualidade", "da própria terra", etc. Por fim, vale lembrar que existe uma fatia de mercado ainda não ocupada pela pequena agroindústria (32%). Na verdade o potencial de crescimento para os produtos coloniais é ilimitado, até maior que os 32%, pois eles podem concorrer diretamente com os produtos similares industrializados, ocupando o espaço destes. □

Assine e leia

Agropecuária Catarinense

Uma das melhores revistas de agropecuária do país!